

# VERDADE

ORGAN DE PROPAGANDA ANTI-JESUITICA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ANNO I

Florianopolis, 14 de Abril de 1903

N. 7

## VERDADE

14-4-903

Não é para nós uma questão de crença, não. Simplesmente de bom senso e costumes.

(A Verdade de 12 de Abril de 1903. Organ jesuita)

O jornal jesuita «A Verdade», terminou seu artigo «A intolerancia», com a citação acima, e como a achamos justa, tomamos a mesma para justificar a nossa situação nesta campanha em que nos vemos envolvidos, lutando pela ordem social, pela dignificação da Família e pela manutenção da integridade Nacional.

Apoz um longo silencio, que obedecia ao pensamento de Grainha que diz assim: «O jesuita conven mais pregar a um grande auditorio de gente ignorante, que lhe admire a eloquencia, do que discutir com um homem de sciencia que lhe descubra a ignorancia», apoz um longo silencio, fizemos, o jornal jesuita «A Verdade», lançou-se contra nós com um artigo franca e absolutamente intolerante.

Deve ter causado admiração ao publico, o novo caminho tomado pela «A Verdade» naturalmente perguntará a razão.

E' facil de encontrar-se.

O nosso primeiro numero causou uma perturbação nos arraiaes jesuitas; os que se seguiram descortinaram os horisontes do nosso programma «a verdade e a justiça»; até que o nosso numero de 10 do corrente, firmou clara, palpavel e terminantemente as nossas aspirações.

O nosso numero 6 demonstrou a toda a população que a nossa campanha não é contra a religião e sim contra as infamias, torpezas, iniquidades e vandalismos executados á sombra do nome de Jesus, por vicarios, sagrados ante os altares, desligados da doutrina de Jesus.

Intolerantes nós!

Irrisão estúpida!

Nós, que no dia em que a christandade commemorava a morte do meigo Nazareno, penduramos a nossa espada de combate, para empunhar uma corôa de saudades, e nos fomos depositar sobre o tumulo de Jesus, compungida a alma ante tal martyriologio, obra da intolerancia clerical; nós que tivemos a honra de ver nosso jornal collaborado por um catholico digno; e mais ainda retiramos o nosso lema de combate, para substitui-lo pelas

palavras de Jesus «Pai perdoai-lhes porque elles não sabem o que fazem», e apesar de tudo isto ainda nos chamais de intolerantes.

E vós senhores jesuitas?

O vosso jornal foi substituir o nosso, e o mesmo prélo que havia dignificado Jesus, veio dignificar a prostituição e a deshonra.

O nosso jornal entrou para o prélo expurgado de odios; e o vosso entrou em plena semana santa, distillando torpezas e insultos.

Cada um dá o que tem.

Nós, os intolerantes!

Tendes razão. Somos intolerantes para os vossos crimes e infamias e apesar de todo o «vosso prestigio», continuaremos lutando, até que o Vaticano se digne nos dar a morte, a exemplo do que foi feito ao glorioso Clemente XIV, por vós envenenado, por haver extinguido a infame «Companhia dos Companheiros de Jesus».

Mostrar que o papado transformou a igreja em um balcão, vendendo indulgencias para todos os crimes, é combater o sentimento religioso?

Verberar os castigos da Inquisição é atacar a Fé?

Execrar os papas «devassos, ladrões, assassinos, torturadores da Humanidade», é atacar a doutrina de Jesus?

Não! Atacar os criminosos é o dever de todo homem de honra, e nenhuma Religião dignifica o banditismo, salvo a vossa, mas esta é a negação da doutrina de Jesus.

A letra do estatuto republicano não admite o anonymato, e obriga a responsabilidade a tudo que se escreve, e nós estamos promptos a responder pelos excessos em que possamos incorrer, certos de que a responsabilidade será assumida por homens de moral bem conhecida, e não por «aves de arribação, corridas pelo clamor publico».

O nosso direito está, em que assiste a nós a mesma razão que a vós.

Vós, pregais a mentira, a lei não vos impede; nós pregando a verdade, a mesma lei não pôde nos obstar.

Não nós arrogamos o papel de mentores da opinião publica, pregamos verdades, descobrimos crimes e criminosos, e se a opinião cerra fileiras a nosso lado, a culpa não é nossa e sim vossa, porque vos

constituís os advogados de infames crimes.

Nos negais «essa dóse de conhecimentos», não nos julgamos offendidos, mas consenti tambem que ponhamos em duvida os vossos, salvo no que se refere-se ao refinamento das torturas e iniquidades, constituindo isto vossa sciencia.

Para nós a familia é uma Religião, nossas esposas são as companheiras que participam das nossas dores e felicidades, e não escravas vis e miseraveis, humilhadas pelas concubinas teudas e manteudas.

A paz da alma consiste na pratica da virtude; e em nós mesmos temos os nossos tribunaes, a consciencia, que não vende sentenças, como juizes venaes o fazem por algumas dezenas de mil réis.

Por vezes «rajadas infelizes» levantam-se, querendo em pleno seculo do telegrapho sem fio, restabelecer os carceres da inquisição, as torturas, todo o vosso passado emfim, e tal movimento produz em nós outros um sentimento de «asco».

Este seculo não mais vos tolera senhores jesuitas.

Olhai a França, forte, gloriosa sempre, que vos expulsa a golpes de vergalho.

Prestai atenção, o movimento se faz, almas dignificadas levantam-se, a mocidade bebe inspiração na historia, a massa recebe os influxos da corrente libertadora, e quereis saber contra quem se movimentam?

Contra vós, senhores jesuitas.

Aproveitai pois os ultimos momentos, amordaçando a consciencia dos governos fracos, esquecidos do seu «juramento sobre sua Fé e sobre sua Honra», afim de ser, a lei calcada aos pés, em vosso interesse.

Correi, porem pressurosos, porque o clarim já vibra ao longe as notas estridentes da alvorada da emancipação da consciencia humana.

Amanhã será talvez tarde.

Aguçai os vossos punhaes, medi a dóse dos vossos venenos, mas não percais tempo, porque nós seremos as ultimas das vossas victimas.

Tartufos de casaca, satyros de batina, o seculo é de luzes, mascaras abaixo, tirai Maria e Jesus dos altares e substitui pelos vossos deuses «Messalina e Judas».

## JESUS

Não obstante os esplendores de seus milagres, mal podemos saber qual o maior exemplo por Jesus authorgado pela salvação da humanidade.

Si com os olhos da fé o procurarmos, e, si por ventura, nos é dado encontrá-lo, vemol-o symbolisando a caridade. Diante de nossos olhos vemos em Jesus a mais sublime expressão do amor; o mais eloquente exemplo de humildade, a personificação, em fim, de todas as virtudes capazes de engrandecer e nobilitar o homem perante o seu Creador. Mas naquella grande e generosa alma existia ainda um sentimento occulto que devia apparecer realmente quando Elle desaparecesse.

Desde o simples estabulo até as amarguras do horto, como que Jesus só era conhecido pelo amor e pela caridade. Essa nuvem de dores assombrosas que empanára a sua fronte divina occultava os brilhos santos desse sentimento intimo que revellava todas as grandezas de seu espirito—o perdão para todas as culpas. Compreendeis o que é o perdão de Jesus na hora extrema?

Perpassam em vossos ouvidos, como um som sem significação as palavras de Jesus na hora derradeira? Por certo que não.

O perdão de Jesus é a esmola daquelle tempo, como a de todos os tempos.

Felizes aquelles que todos os dias subirem em espirito ao cume do Calvario e pedirem o perdão de suas culpas.

O perdão de Jesus é a promessa da regeneração; o perdão de Jesus é, quer dizer que a toda hora, a todo o instante em que nossa alma tenha revelações das faltas commettidas, veremos diante de nós a Cruz sacrosanta, em cujos braços encontraremos a nossa redempção.

O perdão de Jesus é a conquista de todos os espiritos que se arrependem. Elle não falha.

Jesus espreita, preseruta os remorsos de todas as almas peccadoras, esperando apenas o momento de ouvil-as dizer: Perdão meu Senhor.

E si aquelle Divino Espirito exalou um suspiro na hora da agonia, foi esse suspiro o perdão de Judas! O suspiro do perdão.

E pois, na tarde augustosa do Calvario, na dor de Jesus houve annistia para todos os culpados.

Felizes seremos si todos os dias nos lembrarmos que somos algozes de Jesus todas as vezes que transgredirmos a Santa Doutrina, e cheios de fé de sinceridade é arrependimento dissermos: Perdão, meu Senhor, porque até hoje eu não sabia o que fazia.

Abril—8—903.

*Ignotus*

— « » —

Com a eliminação do ensino religioso nas escolas assegura-se a liberdade de consciencia da creança, garante-se a dos chefes de familia e salvaguarda-se a do professor».

*Raul Bert.*

## Decadencia do character

Não me causou surpresa a leitura d' «A Verdade», jornal catholico romano que se publica em Florianopolis. Fui lá encontrar, como tenho encontrado em todos os logares, onde os negros abutres do Vaticano deitam os pés, os mesmos principios nocivos e aquella supposta habilidade cynica de que se valem para se fazerem aceitar pelas almas simples dos que não teem a felicidade de possuir um cerebro esclarecido.

Esse jogo, porem, vem de longe e já é bastante conhecido; desde seculos que os conhecimentos humanos deixaram de ser monopolio dos conventos e são ministrados a todos os homens intelligentes e de boa vontade.

E' por isso que elles, os negros abutres, não perdem oportunidade para grassar, sinistramente, contra a instrucção-leiga que libertou a Humanidade das suas garras.

Onde a evidente decadencia dos characteres, a que se referem? Existe ella? Onde, repetimos?

Nas fileiras dos livres-pensadores não a encontramos; ao contrario, os que seguem essa corrente libertaria de opinião são no momento historico actual, e tem sido aavez dos tempos, cultores acerrimo do character. Não são elles que se prevalecem de velhos principios mentirosos para viverem da exploração desavergonhada dos sentimentos ingenuos e piedosos. São elles que por amor das idéas generosas e da liberdade da Consciencia Humana sofrem a perseguição inquisitorial dos que tem medo de perder as commodas posições, onde são nutridas pela superstição e pela ignorancia, motivo porque se revoltam contra a diffusão do saber.

A «evidente decadencia dos characteres» não existe nas nossas fileiras, onde os emancipados soffrem todas as guerras que o odio agindo em almas sem escrúpulos lhes move; se elles não tivessem character tambem não teriam essa firmeza de convicção, esse stoicismo, que é o apagnio e que tanto rancor desperta.

«A evidente decadencia dos characteres» existe, mas nas fileiras clericas; é lá que seres de vestes negras, como que annunciando que não pertencem a Humanidade, que exploram, affrontam a luz do dia com um cynismo sem par.

E podem acaso ter character homens que se apresentam, hypocritamente, unguidas de piedade e de perdão para melhor escravisar a consciencia dos simples e melhor assaltar a bolça recheada dos ricos parvos?

Podem ter character creaturas que se valem da arma mais deshonesto—o confissionario—para alcançarem os seus fins indecorosos?

Podem ter character homens que pregam aos outros os bellos ensinamentos christãos, mas são os primeiros a esquecer-os e a proceder de modo inteiramente opposto?

E' lá nas fileiras clericas que existe e sempre existiu, excepto—nos tres primei-

ros seculos do christianismo, evidente falta de character.

Desde que os suppostos discipulos de Jesus passaram de opprimidos a oppressores, desde que esqueceram os exemplos do Rabbi e entraram na vida de ostentação e do luxo, o character delles se corrompeu para sempre.

E' preciso não ter character, é preciso ser excessivamente cynico para repetir a phrase: «Golilace vicisti!» E' preciso, porque ha muito estão divorciados dos magnificos principios do suave Galileu, quasi ideal, que fulge no passado aureolado de luz.

São assim os clericas. Prova-o a igreja catholica—romana, que esqueceu o Mestre e adoptou para apresentar-se um rotulo bem significativo—catholicismo—romano—com menoscabo do nome christianismo, o proprio para a doutrina de Christo.

Prova-o ainda o modo odioso de agir dos padres romanos: Quando se sentem fortes perseguem, torturam e matam como nos sombrios tempos da inquisição. Quando se sentem desmascarados recolhem-se pusillanimes e fallam nos principios christãos, que ninguém ataca.

Fazem lembrar um general covarde que, antes da batalha, puzesse na frente de suas tropas mulheres e creanças, para por traz dessa trincheira que nenhum inimigo deixaria de respeitar, fuzillar o adversario.

Enganam-se, porem, os padres, os tempos estão mudados.

Hoje todos sabem que os padres são peiores inimigos de Christo: Fingem piedade e mansidão, mas são hypocritas e devassos; pregam principios erroneos, inventaram o confissionario e seus suppostos sacramentos inefficazes; restabeleceram a idolatria e desviaram a Humanidade da róta luminosa que o Nazareno lhe traçara: esqueceram o Mestre.

Só fallam em Christo, quando vêem a tempestade no horisonte e temem que o raio venha feril-os; appellam aos seus ensinamentos piedosos de medo das coleras sagradas e seculares que o seu indigno proceder tem despertado.

Hoje o povo já não se engana; sabe que atacando os padres não atacamos o Galileu piedoso e justo, que pregou contra a hypocrisia, as acções deshonestas de toda sorte.

Hoje o povo já sabe que nos somos mais discipulos do Christo do que os padres; porque nós, ao menos vergalhamos nas faces os vendilhões do templo!

Coritiba

*Ismael Martins*

— « » —

«O egoismo, o orgulho, a necessidade de dominar, são as alavancas poderosas das paixões clericas».

*Emilio Zola*

— « » —

«Todas as orações rançosas que ali se fazem valem a esmola que se dá ao pobre?»

*Diderot.*

## Os Sinos

Erramos. Julgavamos o Sr. Superintendente capaz de collocar-se na altura do cargo que lhe foi confiado, mas infelizmente acabamos de ver por terra esta nossa suposição.

Mostramos que em face da lei, o Sr. vigário não poderia fazer dobrar os sinos e no entanto, hontem mesmo estavam elles a soar funereamente, patenteando por este modo, o Sr. vigário, que pouca importancia dá o Sr. Superintendente e ás leis da nossa terra.

Qual o poder do padre Topp para assim agir? Que respondam o confissionario e as indulgencias.

Nós não desanimamos e continuaremos a luctar contra todo o despotismo.

Não nos causa admiração ver o Sr. Superintendente sem prestigio ante o padre, quando o proprio governo do Estado dá a este todo o apoio, sancionando commissos que ferem em absoluto a nossa constituição politica!

Pobre patria! Infeliz republica!

A lei, qual meretriz devassa, levanta suas vestes e sem o menor vislumbre de pudor deixa-se arrastar pelas portas dos lupanares!

Para quem appellar?

—«»—

## RECTIFICAÇÃO

Pelo Sr. R. Lenington, digno ministro protestante nesta Capital, nos foi endereçada uma attenciosa carta pedindo rectificação em dois pontos do artigo que publicamos em o n. 4 do nosso jornal, com referencia ao collegio evangelico ultimamente fundado entre nós.

Diz o Sr. Lenington que a criação do referido collegio não se deve á sua iniciativa e sim á do seu illustre collega Rev. J. B. Kolb, que depois de longos annos de trabalho na Capital do Estado da Bahia, vem agora consagrar seus talentos á educação da mocidade catharinense.

Outrosim pede-nos para declararmos não ser essa eschóla frequentada sómente por creanças pobres, tanto assim que cobram-se mensalidades; unico meio com que actualmente conta para poder funcionar.

Satisfeito assim o justo pedido que nos fez o Sr. Lenington, cumpre-nos pedir-lhe desculpas si por accaso, mal informados, fomos ferir sua reconhecida modestia. Ao mesmo tempo fazemos votos para que o collegio evangelico siga um caminho progressivo, de modo que dentro em breve possa receber em seu seio a esses innocentes para quem a sorte negou as doçuras de uma vida confortavel.

—«»—

«Não são necessarios habitos desconformes e toncas extravagantes ondeando ao vento para se socorrer a desgraça; ha muita gente altruista e bondosa que, sem estrondo e sem ser vista, enxuga muita lagrima de infelizes e remedeia muita pobreza de miseraveis».

B. Grainhá

## Exploração

Devido ao grande accumulo de materia a publicar-se, nos tem sido impossivel tratar de um assumpto que, para nós, é de summa importancia porquanto vem attestar de um modo evidente, que temos toda a razão quando affirmamos ser a igreja uma casa de negocio onde tudo se mercadeja.

Queremos nos referir ao annuncio feito por uma das tantas irmandades existentes nesta Capital e em que declara não acceitar, em paga de promessas, velas que não sejam de pura cera!

Parece impossivel, repugna acreditar que em uma Capital que tem fóros de civilisada se desse publicidade a cousa tão mesquinha!

A sede do ganho levada a tal ponto, deixa de ser mercantilismo para chamar-se falta de escrupulo...

Eis como se explora a credulidade do povo! Eis como a igreja se transforma em mercado!

E é gente dessa laia que nos chama de intolerantes! São homens como esses que têm a ouzadia de qualificar-nos de inimigos da religião!?

Não nossas mãos nunca estenderam-se para que nellas cahisse a moeda de cobre do indigente!

Não! jamais exploramos a crença de quem quer que seja para auferirmos resultados!

E tu, povo simples e bom de cujo meio sahimos! tu que vais buscar na doutrina ensinada pelo meigo Nazareno, a fé que te reconforta o pezado julgo do trabalho tu que, sempre opprimido, tens sabido occorrer ao grito afflictivo da Patria e derramares teu sangue generoso para com elle lavares as affrontas sobre ella atirados pelo inimigo estrangeiro, abre teus olhos e vê como te enganam! Aprende, lê, estuda afim de que possas beber nas paginas da historia os ensinamentos sublimes contidos na vida de Jesus!

As promessas que na tua simplicidade julgas que vão satisfazer o Deus que veneras, são outros tantos conductos por onde o cobre, ganho com o suor do teu rosto, se escóia para a gaveta dos mercadores de batina.

Este jornal jamais combaterá a religião, as crenças de ninguem e o seu ultimo numero é um attestado seguro do que affirmamos.

O nosso fim é combater as iniquidades desses famaticos que, á sombra do nome de Jesus, commettem toda a sorte de crimes e torpezas.

Por isso somos intolerantes!

Eis porque nosso jornal elhes causa medo!

Porem não nos arreceiamos dos suas estultas ameaças e, enquanto nos restar um sópro de vida, proseguiremos na missão dignificante de procurar libertar nossa querida Patria do julgo que lhe impoz essa horda de roupetas; dignos discipulos do «celebre» Loyola!

## Derrocada ultramontana

(Continuação)

Com o lançar-se a igreja á conquista do «poder temporal»,—cezarina que se fazia do «reino deste mundo»,—num sonho de «monarchia, catholica» (Seculos mais tarde «piedosa» ambição dos Jesuitas),—mentio, deturpou sua verdadeira missão, unica e bella:—a de aggremiar os homens num conjucto de ideias religiosas,—pela persuasão, pela conducta, pelo exemplo,—trabalhando porque fosse inaugurado na Terra o «reino de Deus», de que Jesus fora meiguissimo e casto e incomparavel Adepto.

O «reino de Deos! A igreja,— longe de ser o Bom Pastor, levando as ovelhas a esse aprisco divino,— fez-se Panurgio macrabo, arrastando os «povos» a abysmos da abominação!

O «reino de Deus»! Mas, o «reino de Deus» não é a morte da consciencia; não é a treva dos claustros; não é o dogma imposto a ferro e fogo; não é a ignorancia systematica; o celibato, o confissionario, o desamor dos paes, o menoscabo da Lei, a prostituição e a deshonra!

Jesus ensinou a «Liberdade» da consciencia, o livre exame; a «Egualdade» perante a Lei; a «Fraternidade», a extincção de classes e castas; Jesus dignificou o merito, não colectivo, mas «individual», na collectividade. A doutrina de Jesus é a Vida e a Paz; é a Luz e o Amor; é a «crença livre no estado livre. O ideal de Jesus é democratico; amou o povo, não bajulou cezares, não divinizou reis. Seus discipulos, são os que pautam a conducta pela sua conducta; são os que fazem da caridade,—sem espectacularções.—um dever social e modesto; são os martyres da «Liberdade», do livre exame, da sciencia e dos despotismos, são os que, por sincero amor dos homens tem soffrido o carcere e a fogueira, o punhal e a «agua-tofana», a calúnia e a morte... Jesus é a Vida sua doutrina e aryaná, é ideal hellenico, da juventude, belleza, jovialidade e meiguice.—O convento, a tortura, o celibatarismo, a ferocidade, a hypocrisia, a fraude são antitheses do ensinamento de Jesus; é obra de sacerdocios, não de Deos!

O papa, empunhando a um tempo os dous sceptros do governo do Orbe,—o «espiritual» e o «temporal»,—constituiu-se o successor dos «pagãos» que o catholicismo parece abominar,—odiento contra os «barbaros orientaes» contra o «Paganismo» (um horror!)... «Paganismo» fertil, que a igreja assimilou, adoptou, copiou, tornando-o norma de sua acção «politica» e... civilisadora!...

Depois, foi a lucta, fatal e separatista, das igrejas do Oriente e do Occidente.—Byzarcio e Roma— e aquelle perder para o papado dos patriarchados de Constantinopola, Alenxandria, Jeruzalem, Antiochia, sendo arrebatada á «igreja romana metade» da christandade...

Com esse schisma, perdeu o «catholicismo» seo caracter de universal; passando

a «egreja romana» a ser «catholica» (universal) de nome...

Verdadeiramente,—jamais houve «religião catholica»,—afora da religião esoterica e tradicional dos sanctuarios iniciaticos da Antiguidade, matriz que fôra sempre o «Espírito vivificador de todas as grandes religiões. «Catholica» (universal) jamais, o Buddhismo, de mais de cinco seculos anterior ao christianismo impoz-se e impõe-se a numero de sectarios superior ao do catholicismo romano, dominando a Azia oriental, cuja população excede a de Europa... E não lembro a superioridade moral dos sacerdotes buddhistas, que só empregam a «persuasão» em sua propaganda, e estão mais de accordo com os ensinamentos de Jesus (identicos aos do Buddha «Cakiá-Muni») que a moral maleavel e os «recursos» dos jesuitas, enviados para o Oriente ao serviço do cazarismo europeu.

Ainda hoje a Azia civilisa os conquistadores...

(Continua)

Dario Velloso

MARIANAM SONE

«Eu bem comprehendendo, mãe, a angustia infinita,  
A dôr que tens no rosto, onde se alaga o pranto,  
Quando olhas lá de cima, esgarçada de espanto,  
A infamia do teu filho a minha obra maldita.  
Comprehendo, mas gargarho, ó torpe mãe, no entanto  
De tão falso pesar..... Despreso-te..... Jesuita  
Reneguei-te por outra: a madre que, bendicta,  
Canonisou-me até! Poz-me no altar..... Sou Santo!»  
Calou-se, e teve um fir sinistro o antigo pagem  
Ignacio de Loyola..... um jubilo selvagem  
Do bandido que mata e ao mesmo tempo rouba.  
Depois alçando a voz: «E ha de ser eterno este  
Odio feroz porque, quando me concebeste,  
Tá não foste mulher, ó mãe! foste uma louba».

Dos «Hereticos» de Euclides Bandeira.

Pobre Barquinha

Para que o povo saiba como tem navegado a pobre barquinha dos Jesuitas, traduzimos alguns dos «pios» castigos da Santa Inquisição.

«Entretanto a questão da agoa, o supplicio do borseguim, e a tortura do cavalete, tinham ainda mais encanto para elle (o infame Philippe II) e mais delutava sua alma feroz. Quando um prisioneiro de alta distincção, devia soffrer um desses horríveis castigos, o rei se promptificava a comparecer na camara das torturas: era uma grota profunda, cuja descida era feito por uma escada em especial que se prolongava entre as abobodas; o silencio

terrivel que reinava n'este lugar, o apparelho medonho dos instrumentos do supplicio, fracamente esclarecido por uma luz vacillante de dous palidos archotes, enchiam a alma do passiente d'um terror mortal. Desde que sua magestade tomava logar no throno ao lado dos inquisidores, os accusados appareciam vestidos d'uma opa..... depois os inquisidores principiavam o interrogatorio, juntando a hypocrisia á crueldade, exortavam o accusado a confessar seus pretendidos crimes.....

Se o paciente persistia em sustentar sua innocencia, ordenavam aos «dominicanos» principiar a tortura e «protestavam que em caso de lesões, fractura de membros ou morte, o accusado devia ser responsavel diante de Deus, porque só elle, por sua obstinação em occultar a verdade, obrigava seus juizes a empregar taes meios.»

«Depois os torturadores principiavam: ligavam o paciente pelas mãos e atraz das costas com a extremidade de uma corda enrolada sobre uma polia fixa no centro da aboboda, e levantando-o a uma altura de mais de trinta pés do solo, elles o balançavam, e bruscamente largavam a corda afim de que o desgraçado cahisse com todo o peso de seu corpo a meio pé do solo. Esta prova desloca todas as juntas e fazia entrar até nos ossos a corda que amarrava os punhos. Entretanto para casos mais graves, ligava-se aos pés do suppliciado 2 pesos de cincoenta libras, e por tres vezes se executava essa dolorosa ascensão. Succedia que muitas vezes o ventre se rompesse e as entranhas do torturado saham; porem os monges não suspendiam o supplicio por tão pequena cousa, contentavam-se de fazer entrar no ventre as entranhas da victima e reanimal-as, pela applicação do ferro em brasa sobre os órgãos sexuaes, se era um homem, ou sobre os seios ou vulva se era uma mulher.

«Para as mulheres as torturas erão algumas vezes modificadas.

«Ordinariamente contentavam-se em suspendel-as, ou tratel-as pela agua; porem quando os inquisidores tinham a punir crimes de magia, mostravam-se mais severos; empregavam tenazes rubras com os quaes apertavam os seios e a vulva; e por um requinte cynico, introduziam no utero uma sonda de metal ocea, que abria-se por uma móla e coberta de uma bichiga vasia, que enchiam de ar, de maneira a dar ao ventre d'estas victimas um desenvolvimento desforme; «Depois fazem Correr Nas Entranhas, Por Este Medonho Conductor, Chumbo Derretido e Azeite Fervendo !!!!!!!!»

Aqui n'esta Capital existem catholicos, mas não haverá um só que seja capaz de negar taes supplicios, salvo algum fugido de Fernando Noronha.

DE VIAGEM

A esta redação vieram trazer suas despedidas os talentosos jovens Antenor de Mesquita Antonio Guilhon e Arthur Adelinho que seguem para a Capital da Repu-

blica, onde vão continuar seus estudos na Escola Militar; Arnaldo Rocha, que segue com igual destino afim de matricular-se no Academia de Medicina e Alcino Caldeira que vai cursar a Faculdade de Direito, no Estado de S. Paulo.

Igualmente foi esta redação destinguida com um cartão em que o nosso intelligente patricio Heitor Luz, despede-se por ter de seguir para o Rio de Janeiro.

A todos esses distinctos amigos, a «Verdade» agradece tamanho gentileza e, desejando que o «Santos» os conduza por sobre um mar de rosas, faz favorosos votos para que seus corações de moços patriotas jamais deixe de pulsar com o mesmo ardor pela causa do progresso e da emancipação d'este infeliz Brazil.

EVOCACÃO

Jesus! Quando surgiste e o Verbo tumultuario  
Aos escribas boçaes e á turba corrompida,  
Dirigiste, imprecando, á porta do Santuario,  
O Vieio omnipotente e a Virtude abatida;  
Uma mulher de alcove, uma mulher perdida  
Comprehendo o teu Sonho—ó Sonho extraordinario!  
Ajoelhou-se aos teos pés, seguido-te, redemida,  
Depois, até beijar-te as chagas no Calvario!  
Tua Palavra de Fé derruiu templos atheos,  
Venceste em plena Cruz. Pois bem, lá da serena  
Região de tanto Amor e Paz indefinida,  
Volta á terra pregar aos vossos phariseos!  
Vem remir, outra vez, essa outra Magdalena,  
—Tua religião ora prostituida...

Dos «Hereticos» de Euclides Bandeira.

Padre Russell

Extrahimos do jornal de Recife:

«Máo grado o nojo que nos inspira o procedimento revoltante deste falso apostolo de Jesus, não podemos fugir a obrigação de nisso fallar, para que todos os lares fechem suas portas ao indigno Lovelace de batina.

Longe de agradecer estas demonstrações o padre devasso dirigiu-se a casa de uma distincta senhora, procurando seu marido que sabia estar ausente.

Este devasso no momento de retirar-se agarrou a distincta senhora e deu-lhe um beijo na bocca.

Repellido deitou a correr.

Procurado pelo marido desta senhora, ajoelhou-se pedindo mesericórdia debaixo da bengala vingadora.

Diante da covardia de Russell o marido offendido deu-lhe apenas alguus empurrões intimando-o a retirar-se da cidade em 24 horas e do estado em 25 dias».

Será tambem um discipulo de Jesus?